

AS REFEIÇÕES ENTRE AS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS

Cristina Aleixo Simões*

Resumo

Na experiência das primeiras comunidades cristãs encontra-se a dinâmica do Espírito que conduz a Igreja à superação das diferenças e à continuação do serviço do Reino de Deus. Nessa práxis libertadora e misericordiosa da Igreja, a questão alimentar e suas regras humanas são superadas. Destacam-se nesse artigo algumas características da Igreja primitiva: a fração do pão e sua partilha nas casas; o serviço em favor dos mais pobres, especialmente das viúvas; o derramamento do Espírito Santo sobre os pagãos; a realidade das comunidades mistas; o fim dos tabus alimentares que se davam como regras meramente humanas e excludentes, autorizado por Jesus Cristo, são os sinais dos novos tempos, iniciados com a vinda do Messias e continuados na Igreja, Sinal do Reino de amor, justiça e salvação para todos.

Palavras-chave: *Alimento. Prática cristã. Fração do pão. Serviço. Superação.*

Abstract

Through the experience of the first Christian communities we find the Spirit dynamic that leads the Church to overcome differences and continue the service for the Kingdom of God. At this liberating praxis and Church mercy, the food issue and its human rules are surpassed. This text stands out some characteristics of the primitive church as the fraction of bread and its sharing at the houses; the services in behalf of the most poor, mainly the widows; the Holy Spirit outpouring on the pagans; the reality of mixed communities; the end of food taboos that were given as purely excluded and humans rules, authorized by Jesus Christ as a signs of the new times,

* Mestre em Teologia Bíblica (PUCPR).

initiated with the Messiah's coming and followed by Church, signal of the Kingdom of love, justice and salvation for all.

Keywords: *Food. Christian practice. Fraction of bread. Service. Overcoming.*

1. Introdução

O presente artigo tem como finalidade abordar, embora não exaustivamente, o tema do alimento e das refeições nas primeiras comunidades cristãs. Este assunto, que tem importante significado para o mundo de hoje, já é abordado nos textos veterotestamentários como sinônimo de sustento, convivência, partilha, fraternidade, inclusão e mesmo conflito, como aparece dentro da Igreja nascente.

Serão abordadas passagens bíblicas ligadas ao tema, como textos do livro dos Atos dos Apóstolos que relatam os primeiros anos do movimento cristão, especificamente em um dos sumários lucanos que narra as “lembranças da primeira experiência cristã em Jerusalém” (FABRIS, 2011, p. 75). É o material de Lucas que, também, apresenta conflitos entre dois grupos de convertidos ao cristianismo, os chamados helenistas e os hebreus, por causa da assistência às viúvas do primeiro grupo. Ainda é neste livro que aparece a superação do tabu alimentar e suas consequências como entendimento do alcance universal da salvação e sua implicação de mudança cultural frente às novas realidades vividas pelos cristãos, marcadamente registradas na assembleia conhecida como Concílio de Jerusalém¹. Mas, algumas lembranças paulinas também ajudam a esclarecer esse processo onde o alimento une e rompe barreiras culturais e étnicas para a nova Igreja. E o Evangelho segundo Marcos traz, nas palavras de Jesus, a declaração sobre a pureza de todos os alimentos.

2. A fração do pão na experiência cristã

No primeiro sumário sobre a vida da primeira comunidade apresentado em At 2,42-47 Lucas assinala a refeição cristã que se dá na assiduidade e na partilha, e apresenta a nova configuração da Igreja cristã. Neste estudo a atenção recai especificamente em dois versículos desta perícopa, referentes à questão alimentar:

⁴²Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações [...] ⁴⁶Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimen-

1. “Não se exagera a importância da reunião de Jerusalém quando é chamada de ‘concílio’. [...] A assembleia de Jerusalém, segundo Lucas, constitui um divisor de águas, um eixo ao redor do qual gira a história da expansão do cristianismo. Esta proeminência teológico-literária dada ao encontro de Jerusalém favoreceu o seu processo de idealização, por isso torna-se o primeiro concílio, o modelo exemplar dos grandes sínodos e assembleias conciliares que distinguiram a história das igrejas” (FABRIS, 1991, p. 284).

to com alegria e simplicidade de coração. A passagem informa a experiência prática do grupo nascido no Pentecostes e que vive de maneira fraterna; todos unidos ainda à religião judaica, mas com uma marca interessante, pois “partiam o pão pelas casas” (At 2,46).

Primeiramente, é importante entender a que se referia a “fração do pão”. No judaísmo esse termo/ação designava um rito de “abertura de uma refeição festiva”, que poderia ser associado ao gesto de Jesus com os discípulos no caminho de Emaús (Lc 24,11-35) e às instruções dadas por Ele com o “partir o pão” (Lc 9,11-27; 22,14-38), assim se considera “a expressão como um termo técnico para designar a Eucaristia em Lucas-Atos” (DILLON, 2011, p. 333).

Brown, igualmente, vê no “partir do pão” a imagem da “Eucaristia”. Segundo ele, possivelmente tal ação (costume) somava-se aos sacrifícios e cultos judaicos, contudo sem substituí-los. Afinal, segundo o autor, a interpretação cristã estava relacionada à interpretação da Eucaristia no modelo mencionado por Paulo por volta dos anos 50 em 1Cor 11,23-26. Portanto, “a evocação da morte do Senhor pode ser uma repetição do modelo da comemoração (hebraico: *zikkāron*; grego: *anamnēsis*) da Páscoa judaica, tornando mais uma vez presente o grande ato salvífico, passando do êxodo à crucifixão/ressurreição” (BROWN, 2012, p. 404). Mais uma informação interessante e de profundo significado estava relacionada à compreensão da vinda do Senhor, pela comunidade massoreta. Tal compreensão do “Senhor que vem” (*maranatha*) “ligada a uma refeição sagrada” refletia a expectativa judaica desse grupo que “prefigurava a presença do Messias numa refeição, no final dos tempos” (BROWN, 2012, p. 404). Deste modo, para os cristãos o fato de que o encontro entre os discípulos e Jesus ressuscitado ter acontecido no momento de *refeições* (Lc 24,30.41-43; Jo 21,9-13; Mc 16,14), com o reconhecimento do Senhor pelos discípulos “ao partir o pão” (Lc 24,35), poderia estar ligado a esta crença, a da vinda de Jesus “durante uma celebração eucarística” (BROWN, 2012, p. 404).

De fato, o resumo apresentado por Lucas descreve a “vida da comunidade no momento litúrgico”, mas também “na sua organização espiritual e social”, como “na relação com o ambiente externo” (FABRIS, 2011, p. 75). Por isso, o que a narrativa lucana oferece aos seus leitores e leitoras é “um projeto de comunidade cristã ideal no qual pode inspirar-se” (FABRIS, 2011, p. 75). Nele os cristãos podem buscar fundamento e forças para a transformação da sociedade e manifestação do Reino de Deus, do qual a Igreja é grande sinal. Fabris faz questão de explicar que o fato de o quadro apresentar o ideal dos primórdios da comunidade de Jerusalém não se pode excluir que o narrador tenha tido conhecimento de informações ou lembranças verdadeiras da vida da Igreja primitiva. Afinal, a expressão “a fração do pão” tem “significado apenas no contexto da práxis comunitária cristã” (FABRIS, 1991, p. 76).

Neste sentido que, enquanto no ambiente judaico a expressão “significa cumprir o gesto ritual ao início da refeição comum” (FABRIS, 1991, p. 76), no

livro dos Atos dos Apóstolos o termo “fração do pão” se referia a toda refeição. E o narrador precisa que o lugar comum dessa refeição era “nas casas privadas” e não no Templo, ambiente judeu.

A sensibilidade lucana não deixa passar outro detalhe: tal refeição acontecia numa atmosfera de alegria e simplicidade de coração. A alegria é dom, fruto da salvação que é oferecida por Deus; a segunda característica que definia os cristãos está relacionada à atitude sincera da acolhida da fé em Jesus Cristo. Por isso, a refeição da protocomunidade é inserida por Lucas abrangendo a dimensão religiosa e espiritual.

E neste ponto chama a atenção uma importante questão mencionada por Fabris: a refeição fraterna da comunidade cristã

[...] dava aos membros mais pobres da comunidade a possibilidade de ter a sua porção cotidiana de alimento, e, ao mesmo tempo, de tomar parte na memória de fé, no gesto de amor e na esperança de Jesus. Solidariedade, fraternidade e celebração da fé fundiam-se juntas na única refeição (FABRIS, 1991, p. 77).

A salvação oferecida por Deus em Jesus é uma salvação que abrange toda a existência humana, ou seja, o ser humano todo! Assim, o alimento vivido na partilha só tem sentido mesmo se alcançar as necessidades básicas e profundas da vida humana.

3. A assistência das viúvas à mesa

Neste ponto, será tratado o tema do alimento num contexto de conflito-superção e avanço na organização da Igreja. O texto relata o problema que envolve dois grupos de convertidos: os judeus e os helenistas. A passagem comentada é muito conhecida como a “instituição dos diáconos” (At 6,1-6). A perícopes traz a palavra *diakonia* (serviço), e o público-alvo dessa nova organização são as viúvas do grupo judeu de cultura grega, chamados helenistas, que estavam sendo esquecidas à mesa. Neste artigo serão comentados apenas os três primeiros versículos da perícopes:

¹Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os judeus. Isto porque, diziam aqueles, suas viúvas eram esquecidas na distribuição diária. ²Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: ‘Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. ³Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa (At 6,1-3).

Os versículos lucanos assinalam um problema de divisão enfrentado pela comunidade cristã de Jerusalém que, no entanto, tem início com um indicativo

positivo, o aumento do número dos discípulos e discípulas – note-se a presença das viúvas. Com certeza, essa delicada situação fez parte da lembrança de uma antiga tradição da qual Lucas teve acesso (BROWN, 2012, p. 410). Pois o que apresenta, além da resolução do problema, é a não exclusão de um grupo que pensa de forma diferente dos judeu-cristãos de Jerusalém. Os dois grupos que compõem o movimento cristão nesta fase são os judeu-cristãos de língua grega, “que cresceram aculturados com a civilização greco-romana”, chamados helenistas; e o outro grupo composto por judeu-cristãos chamados hebreus, que “tinham uma mentalidade culturalmente mais judaica” (BROWN, 2012, p. 410).

Brown explica que a questão da comunidade neste texto traduzia-se “em problemas financeiros [...] porque os hebreus (seguramente um grupo maior) tentavam forçar os helenistas a concordar que suas viúvas fossem privadas dos benefícios do fundo comum, apoio do qual provavelmente dependiam por inteiro” (BROWN, 2012, p. 410). E o autor continua apontando que a solução encontrada pelos líderes da comunidade, os doze apóstolos, foi a de que entre os próprios helenistas fossem escolhidos sete homens cheios do “Espírito e de sabedoria” para assegurar a justa distribuição dos alimentos. Portanto, a circunstância envolve exatamente o problema do alimento e o cuidado para com os pobres, representados aqui pelo grupo das viúvas. Elas, junto com os órfãos e os estrangeiros, eram considerados desde o Antigo Testamento os grupos “mais desprotegidos”, sendo assim o “centro da atenção da solidariedade do povo de Deus” (SELLA, 2003, p. 75-76).

A comunidade cristã é o novo povo de Deus, herdeira das promessas e continuadora do ministério de Jesus Cristo, para a instauração do Reino, a realização da justiça divina. De maneira que o cuidado e a defesa dos mais vulneráveis da sociedade são responsabilidade dessa comunidade, que já, anteriormente, vivia uma prática radical de vida cristã baseada em novas relações que contrastava com o sistema vigente (At 2,42-47).

A organização da assistência na primeira comunidade de Jerusalém provavelmente se inspira de modo livre e original em análogas instituições judaicas. As comunidades judaicas, cuja chefia estava na sinagoga, tinham dois tipos de caixa para ajudar os pobres: – ‘a cesta dos pobres’, *qûppah*, compreendia as ofertas em dinheiro e bens que eram dados semanalmente aos pobres residentes, à razão de uma refeição por dia; – ‘o prato dos pobres’, *tamhyy*, eram as ofertas dadas diariamente aos pobres de passagem. Todos os membros da comunidade deviam contribuir nestas coletas, para as quais passavam três encarregados da comunidade, chamados de *gabba'ey sedaqa* (FABRIS, 2011, p. 130).

Mas o texto também aponta para além da situação ao mencionar que o grupo deveria ser formado por *sete* homens escolhidos por e entre os discípulos, “que não são meros executores das ordens” (RAMOS, 2006, p. 351); e que estes *sete*,

foram instituídos pelos Doze (At 6,6). Isso porque, enquanto “doze” têm relação com as doze tribos de Israel, ou seja, os Doze Apóstolos representavam e eram os *pilares* do novo povo de Deus; “sete” por sua vez era o número das nações pagãs que habitavam Canaã.

Os líderes do movimento cristão se mostram abertos à diversidade de pensamento quando não excluem os helenistas da comunidade – como está acontecendo por parte dos hebreus. Ao contrário, os apóstolos, sabendo que não poderiam deixar seu ministério, não entendem ser menos importante o serviço à mesa, mas recomendam que sejam escolhidos homens repletos do Espírito e de sabedoria para este serviço. Ao que tudo indica os sete faziam parte do grupo cristão judeu-helenista, pois todos os nomes citados são gregos (RAMOS, 2006, p. 351).

Enfim, de fato é verdadeiro que na protoigreja “houvesse distribuições de alimentos aos membros mais necessitados do grupo; entre eles, como sempre, as viúvas”, e a solução encontrada “na linha do serviço”, juntamente com o amor, foi a base cristã para solucionar os conflitos naquela época, devendo inspirar a Igreja de hoje (RAMOS, 2006, p. 351).

4. A superação dos tabus alimentares

As primeiras comunidades cristãs tiveram que enfrentar um problema crucial, que foi a questão alimentar. O tema do alimento teve que ser enfrentado quando se inicia a constituição das comunidades mistas, ou seja: de cristãos provenientes do judaísmo e cristãos oriundos do paganismo. Lucas dedica um capítulo inteiro à conversão de um funcionário romano chamado Cornélio, juntamente com sua família e amigos (At 10,24b).

A importância da conversão do centurião, que residia em Cesareia, já se destaca pela quantidade de versículos que o autor dedica ao acontecimento, 66 versículos exclusivos ao relato dessa conversão, o que mostra a importância que tal fato tem dentro da obra (FABRIS, 1991, p. 205). Por isso, notam-se tantas repetições na construção da narrativa relatada no capítulo 10 do livro dos Atos.

Dentre os vários detalhes que chamam atenção está a de “uma atuação diretamente divina. Deus quer que também os incircuncisos entrem para formar parte do povo santo, rompendo os prejuízos radicais e puritanos dos judeu-cristãos representados por Pedro” (RAMOS, 2006, p. 358). O episódio contempla um momento significativo para a expansão da comunidade, “pois nele acontece a integração explícita e pública dos pagãos na Igreja realizada pelo próprio Pedro” (RAMOS, 2006, p. 358).

O grande relato sobre a conversão de Cornélio pode ser dividido em seis cenas, conforme a proposta de Brown (2012, p. 417): (1) o piedoso centurião romano Cornélio recebe a visão de um anjo de Deus em Cesareia, dizendo-lhe para mandar chamar Simão, cognominado Pedro, em Jope (10,1-8); (2) em Jope,

Pedro tem uma visão que lhe afirma três vezes que as comidas tradicionalmente consideradas impuras na verdade não são (10,9-16); (3) refletindo sobre a visão, Pedro recebe os homens enviados por Cornélio, os quais o convidam para ir à casa de Cornélio (10,17-23a); (4) Cornélio recebe Pedro e eles comparam suas visões (10,23b-33); (5) Pedro pronuncia um sermão e o Espírito Santo desce sobre os incircuncisos presentes, de modo que Pedro ordena que sejam batizados (10,34-49); (6) voltando a Jerusalém, Pedro tem de narrar sua ousadia em batizar os gentios (11,1-8). Contudo, nesse artigo, o estudo tem interesse nos versículos que se referem à visão de Pedro:

[...] Pedro subiu ao terraço da casa, por volta da hora sexta, para orar. Sentindo fome, quis comer. Enquanto lhe preparavam o alimento, sobreveio um êxtase. Viu o céu aberto e um objeto que descia, semelhante a uma grande toalha, baixado à terra pelas quatro pontas. Dentro havia todos os quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. Uma voz lhe falou: 'Levanta-te, Pedro, imola e come!' Pedro, porém, replicou: 'De modo nenhum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!' De novo, pela segunda vez, a voz lhe falou: 'Ao que Deus purificou, não chames profano'. Sucedeu isto por três vezes, e logo o objeto foi recolhido ao céu (At 10,9-16).

Pedro, o protagonista da passagem, tem uma visão que prepara o líder da Igreja para algo inesperado e que só será compreendido, por ele mesmo, diante da sucessão de acontecimentos narrados em todo o capítulo 10.

O local do relato é a localidade de Jope, que estava a cerca de 50Km de Cesareia, cidade do centurião romano Cornélio. Lucas informa que a manifestação divina se dá num momento de oração, e não é por acaso que a manifestação divina acontece nessa ocasião. Na obra lucana a oração é um estado "privilegiado para descobrir o projeto salvífico de Deus sobre a história e a própria vida" (FABRIS, 2011, p. 210). Lucas é o evangelista que mais menciona Jesus em momentos de oração (Lc 1,10; 3,21; 5,16; 6,12; 9,18.28-29; 11,1; 22,41 etc.). No livro dos Atos é na ocasião da oração que acontecem os principais eventos: a reorganização do grupo dos apóstolos com a presença da mãe de Jesus se dá num momento de oração (1,12-14), a eleição e ordenações para encargos na Igreja também (1,24; 6,4.6; 14,23), a confirmação dos samaritanos (8,15), a conversão de Cornélio (10,2.9), o envio de Paulo e Barnabé (13,1-3), as perseguições (4,24-31; 12,5.12), e ainda as ocasiões em que todos oram unânimes como se tivessem um só coração e uma só alma (1,14; 2,46s; 4,24).

O texto diz que Pedro teve fome. E é a partir dessa afirmação que Lucas descreve a manifestação divina, muito parecida com as visões simbólicas dirigidas aos profetas de Israel no Antigo Testamento. Na visão a imagem que aparece é a de uma toalha contendo alimentos considerados ilícitos para um judeu. Portanto, alimentos proibidos de serem consumidos por um praticante da Lei. Assim a cena

se contradiz, pois enquanto o apóstolo tem fome lhe é oferecido algo que o tornaria impuro, segundo a lei judaica. Pedro, desse modo, só poderia negar-se diante do que é profano e impuro.

Então uma voz dá ordem a Pedro para “imolar e comer” (10,13). Ele é convidado a comer aquilo que lhe é proibido. Esta autorização carrega toda a visão ainda de mais significado. Afinal o que vem do céu, como que numa toalha, são espécies de animais que, segundo o tabu alimentar judaico, o impede de comer. “O tabu alimentar que distingue entre animais puros ou lícitos e animais impuros ou proibidos exprime, nas suas motivações ideológicas, a ‘santidade’ do povo de Deus separado dos pagãos, do seu culto idolátrico e práticas conexas (cf. 2Mc 6,18–7,42)” (FABRIS, 2011, p. 210).

O capítulo 11 do livro do Levítico traz uma lista de animais considerados puros e impuros para o povo de Israel. Unida à lei de santidade (Lv 17–26), a lei de pureza faz parte “de uma mesma exigência divina” (Bíblia de Jerusalém, p. 174). As normas encontradas nesse texto estão baseadas sobre antigas interdições religiosas, firmando dessa maneira como impuro tudo o que pode ser impróprio para o culto a Deus. Assim, os animais puros eram aqueles que poderiam ser oferecidos a Deus (Gn 7,2), e os impuros eram aqueles que faziam parte do ambiente religioso pagão.

R.J. Faley em seu comentário sobre o Levítico explica:

Basicamente, a distinção entre puro e impuro estava relacionada com o culto, pois era em termos do serviço a Iahweh, seja na adoração ativa, ou simplesmente por ser povo da aliança, que a integridade era exigida. Ser impuro significava sofrer uma carência de santidade, e esta não era vista como uma condição moral, mas como um estado de ser, incompatível com a santidade de Iahweh e, daí, proibindo qualquer contato com ele (FALEY, 2013, p. 174).

De fato, a própria distância cronológica de tais regras é a causa da difícil tarefa de encontrar uma razão para a distinção entre animais puros e impuros, que não seja na linha cúltica. Mesmo porque, é nela que o solo fica mais seguro quando se procuram respostas. Faley afirma, por exemplo, que “os animais imediatamente excluídos da dieta hebraica eram aqueles consagrados na adoração pagã, com um papel no sacrifício, na magia, ou em práticas de superstição – p. ex., o porco, usado no sacrifício do deus Tammuz da Babilônia” (FALEY, 2003, p. 175). O autor ainda adverte que razões como repugnância natural e questões de higiene igualmente poderiam estar por trás dos motivos da proibição.

Retomando a visão dirigida a Pedro, diante da resposta negativa do judeu consciente, de que jamais comeu tal coisa e de maneira alguma rompeu com a regra alimentar, outra vez a voz divina aparece com uma argumentação espetacular: “ao que Deus purificou não chames de profano” (At 10,15).

A cena termina com o recolhimento da toalha. Mas é somente com o desenrolar dos acontecimentos que tudo se esclarece: a chegada dos enviados do centurião, o convite feito a Pedro, que depois vai à casa de Cornélio – ação que era expressamente proibida, pois um judeu não deveria entrar na casa de um pagão, conforme as “leis de pureza ritual da Lei de Moisés” (RAMOS, 2006, p. 358). Apenas no decorrer dos fatos é que o protagonista da visão vai se dando conta do verdadeiro sentido da revelação.

Ao chegar à casa do centurião, mais do que ouvi-lo, Pedro presencia o derramamento do Espírito Santo. Manifestação que acontece exclusivamente por vontade de Deus. Eis então um novo Pentecostes, dirigido agora aos gentios.

Assim como Deus mesmo se contrapôs à afirmação de Pedro que considerava ainda os tabus alimentares e referiu-se a toda criação à sua bondade original, eliminando todas as barreiras que os homens introduziram nas coisas; Deus eliminou também as barreiras que os homens colocaram entre si mesmos, que excluía da promessa feita a Israel os que não faziam parte do povo da Aliança.

5. O Concílio de Jerusalém e a contribuição de Paulo

No capítulo 15 do livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas apresenta uma controvérsia a respeito da inclusão dos gentios no movimento cristão e a maneira como estava acontecendo. A polêmica envolvia dois centros importantes do princípio do movimento cristão: a Igreja de Jerusalém e a Igreja de Antioquia. Nesta circunstância surge mais um conflito a ser resolvido:

Tanto em Antioquia como em Jerusalém, enfrenta-se uma dificuldade radical sobre o método missionário inaugurado por Paulo e Barnabé na recente missão nos centros da diáspora. [...] A imposição do rito hebraico de iniciação, isto é, a circuncisão, aos pagãos convertidos, com a consequente observância de todas as prescrições judaicas, põe em discussão a opção cristã (FABRIS, 2011, p. 280).

A reunião propriamente dita é abordada logo após a exposição da causa do conflito (At 15,1-5). A assembleia acontece em Jerusalém (At 15,6-21) e nela têm destaque os grandes líderes da Igreja: Pedro e Tiago (representantes da comunidade de Jerusalém); Barnabé e Paulo (representantes da comunidade de Antioquia). Lucas esclarece em seu texto que os responsáveis pelo conflito foram “alguns dos que tinham sido da seita dos fariseus” (At 15,5), grupo que representava uma “ala mais intransigente e rígida, não a Igreja oficial” (FABRIS, 2011, p. 282).

O texto apresenta reunidos os pilares do movimento cristão, os *apóstolos*, juntamente com os anciãos (At 15,6). Pedro é o primeiro a manifestar-se, mencionando sua experiência com os gentios (a conversão do centurião Cornélio, cf. At 10); e como “aprouve a Deus a evangelização dos gentios” (15,7); e como “Deus

deu testemunho deles, concedendo-lhes o Espírito Santo” (15,8). No momento oportuno, Barnabé e Paulo também narram tudo o que Deus operou entre os gentios. Então Tiago retoma as palavras de Pedro sublinhando a universalidade da salvação, já desejada e anunciada por Deus Pai (15,14.16-17). Essa última palavra tem grande peso no texto, pois na Igreja de Jerusalém, neste período, é Tiago quem ocupa o primeiro lugar (cf. At 12,17).

Na base de toda a questão aparece a marca importante das igrejas envolvidas: a abertura e obediência à ação do Espírito Santo. Afinal, foi Deus que escolheu Pedro para anunciar o evangelho aos pagãos, e foi Deus que deu testemunho favorecendo-os e derramando sobre eles o dom do Espírito. O Espírito é quem guia a Igreja no discernimento do projeto de salvação no plano histórico de Deus, juntamente com a resposta de fé dos pagãos ao Evangelho (15,7). Esta é, para os pagãos, a “condição única e indispensável para serem purificados pela consciência” (FABRIS, 2011, p. 286).

Porém, o representante da comunidade de Jerusalém prescreve algumas situações que devem ser observadas pelos pagãos convertidos, dentre elas a restrição dos alimentos – retoma o tabu alimentar. A princípio esse parece ser um ponto contraditório, já que “a discussão conciliar teve como pano de fundo a liberdade da lei judaica” (FABRIS, 2011, p. 289). Jesus Cristo é o único caminho de salvação para judeus e pagãos.

A explicação para tal ação, segundo Fabris, provavelmente, é a de que Lucas uniu no relato alguns costumes que ainda faziam parte da tradição e observância da Igreja em sua época, e conferiu “a estas prescrições o peso que justificava, de algum modo, a sua perseverança e continuidade histórica na Igreja, ultrapassando os eventuais motivos que estavam em sua origem” (FABRIS, 2011, p. 289). E essa seria uma ótima argumentação, porque tal situação é abordada várias vezes no epistolário paulino em diferentes contextos no intuito de preservar e valorizar aquilo que é o mais essencial à fé em Jesus Cristo, eliminando qualquer confusão e obstáculo considerado secundário a esta fé.

Paulo, em sua carta dirigida aos gálatas, faz uma dura crítica à postura de Pedro (Gl 2,11-14), como digno de censura (2,11), pois “antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas quando chegaram ele se subtraía, e andava retraído, com medo dos circuncisos” (2,12). “Provavelmente Cefas e Paulo foram a Antioquia logo após a decisão sobre a circuncisão tomada no ‘Concílio’ de Jerusalém [...] o assunto diz respeito agora às leis alimentares judaicas, completamente distinto da questão da circuncisão, que tinha sido resolvida em Jerusalém (2,3-9; cf. At 15,1-12)” (FITZMYER, 2011, p. 429). O contexto que envolve os cristãos da Galácia tem a ver com “a pressão que exerceram os chamados judaizantes nos primeiros anos da Igreja” (GARCIA, 2006, p. 507). Esse mesmo grupo é mencionado na orientação dirigida a Timóteo (1Tm 4,3-6), onde a menção da exigência a abstinência de certos alimentos é atribuída a eles.

O problema com a liberdade dos alimentos ainda é assunto na carta de Paulo dirigida à comunidade de Corinto (1Cor 8–9). A preocupação do apóstolo é com “os convertidos fracos, cuja compreensão é imperfeita e que podem pensar que sentar-se e comer no templo de um falso deus implica adoração daquele deus e que, ao comer, praticariam a idolatria” (BROWN, 2012, p. 688). São situações que parecem um problema irrelevante, porém na realidade não era. Na época, muitos eram os sacrifícios oferecidos em honra aos deuses e pagãos. “Carne procedente de tais sacrifícios era vendida comumente no mercado. Os banquetes nos quais se vendiam estas carnes e aos quais podia ser convidado um cristão, mais por razão de amizade, ou de cargo público, aconteciam comumente no dia a dia” (GARCIA, 2006, p. 460). E Paulo se mostra preocupado com a interpretação que pode ser feita. De maneira que a orientação de Paulo encontra um sentido na fé do outro, “não é o alimento que nos fará comparecer para o julgamento diante de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e, se comemos, nada lucraremos” (1Cor 8,8).

6. A comunidade de Marcos e o fim dos tabus alimentares

Pedro, Paulo, Barnabé, Tiago, Lucas... Todos esses nomes estão envolvidos na importante discussão sobre o alimento e os seus tabus, no início da Igreja. Contexto este que pode levar tanto à comunhão quanto à separação e exclusão. Marcos, em seu Evangelho, apresenta uma parábola² acompanhada de uma explicação do próprio Jesus declarando o fim dos tabus alimentares.

No início do capítulo 7 Marcos narra uma discussão sobre as tradições farisaicas (Mc 7,1-13), onde Jesus denuncia o apego à tradição humana e o desprezo pelo mandamento de Deus. E, na sequência, está a passagem do ensinamento sobre o puro e impuro (Mc 7,15-23). O público-alvo do ensinamento de Jesus é o povo, uma multidão (Mc 7,14), que Jesus chama para junto dele. Então, Jesus conta-lhes uma parábola que contrasta com a hipocrisia dos fariseus e escribas, pois os ensina: “nada há no exterior do homem que, penetrando nele, o possa tornar impuro” (Mc 7,15). Este versículo

[...] explica que, já que a comida não entra no coração (que no hebraico designa a sede tanto de aprendizagem quanto do sentimento), mas somente no estômago, a comida impura não corrompe a essência interior da pessoa. Esta explicação sugere uma distinção entre a pessoa interior (religião e moralidade) e a pessoa exterior (ritualismo) que não era usual na tradição judaica (HARRINGTON, 2011, p. 96).

2. Parábola “tem aqui um sentido de ‘dito obscuro’ ou mesmo de ‘enigma’, ainda que 7,15 pareça notavelmente claro” (HARRINGTON, 2011, p. 96).

Portanto, nesta passagem, Jesus desautoriza uma regra que não é geradora de amor e misericórdia, mas que parece vazia diante do que é essencial. As suas palavras causam surpresa e até um desconcerto nos próprios discípulos, “em razão da mentalidade e do ambiente em que viviam” (HERRERO, 2006, p. 150-151). A sentença enigmática de Jesus traz a responsabilidade de um imperativo: “Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mc 7,16).

Enquanto na primeira parte da perícopes trata-se do que entra na boca do homem, a segunda atribui verdadeira impureza, real corrupção, àquilo que sai do homem (HARRINGTON, 2011, p. 96). A conclusão da passagem é o resumo do ensinamento de Jesus: todas essas coisas más saem de dentro do homem e o tornam impuro (Mc 7,23). A lista de más ações e vícios apresentados na perícopes são inclinações do ser humano àquilo que é mau, e pode não ter nenhuma relação com a questão alimentar.

Fabris explica que “talvez a atitude anticonformista de Jesus a respeito das regras de purificação e separação estivesse ligada não só à interiorização e personalização dos valores religiosos e éticos, mas também à visão universalista que abre a perspectiva de salvação dos pagãos” (FABRIS, 2011, p. 211). Essa é uma consideração importante e está de acordo com os textos mencionados anteriormente neste artigo.

A situação de pureza e impureza dos alimentos não pode ser mais um fator de exclusividade de um único povo a Deus e exclusão de todos os outros. Essa parece ser a consciência da comunidade de Marcos ou a perspectiva a ser acolhida, pois, inclusive, em sua obra narrativa a seção que vai de 7,1 até o segundo relato da multiplicação dos pães (8,1s) trata do chamado dos pagãos à salvação.

Portanto, segundo a palavra de Jesus, as proibições e os tabus alimentares perdem “a sua razão de ser e não podem continuar sendo motivo de alguma segregação” (HERRERO, 2006, p. 151) entre aqueles que aderem à fé em Cristo Jesus.

7. Considerações finais

A fé em Jesus Cristo dá um novo significado ao tema do alimento e das refeições nas primeiras comunidades cristãs. A mesa é lugar dos filhos e filhas de Deus e, por isso, dos irmãos e irmãs que se reúnem e partilham o pão nas casas. Na mesa há lugar para todos sem exceção, os pecadores, os pobres, as viúvas, os pagãos... Sobre a mesa não há nada de impuro, corrompido, porque tudo é criação de Deus. Ao redor da mesa, hoje, a Igreja continua a se reunir para receber o alimento essencial, Jesus Cristo ressuscitado presente na Eucaristia, contudo, sem que seja esquecido do alimento necessário à vida digna de cada ser humano. Ou o primeiro não terá sentido. Desta maneira, como é bonito, significativo e atual na Igreja cristã refletir na presença de Jesus Cristo como os massoretas: “e se a *parusia* do Senhor acontecer no contexto de uma refeição?”

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.
- BROWN, R.E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DILLON, R.J. Atos dos Apóstolos. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Eds.). *Novo comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 309-398.
- FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.
- FALEY, R.J. Levítico. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Eds.). *Novo comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2012, p. 161-196.
- FITZMYER, J.A. A Carta aos Gálatas. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Eds.). *Novo comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 421-440.
- GARCIA, M.S. Carta aos Gálatas. In: OPORTO, S.G.; GARCIA, M.S. (Eds.). *Comentário ao Novo Testamento*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006, p. 499-515.
- HARRINGTON, D.J. O Evangelho segundo Marcos. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Eds.). *Novo comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 65-129.
- HERRERO, F.P. Evangelho segundo São Marcos. In: OPORTO, S.G.; GARCIA, M.S. (Eds.). *Comentário ao Novo Testamento*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006, p. 121-179.
- RAMOS, F.P. Atos dos Apóstolos. In: OPORTO, S.G.; GARCIA, M.S. (Eds.). *Comentário ao Novo Testamento*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006, p. 337-390.
- SELLA, A. *A ética da justiça*. São Paulo: Paulus, 2003.